



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DIRECTOR  
AUGUSTO**O SECULO**DE SANTA  
RITA

# UMA PERIPÉCIA DA VIDA

Por ANÃO SABICHÃO

Desenhos de A. CASTANÉ

**P**OR ter visão, aqui há dias, no jardim da Estrela, um menino muito mau, a atirar pedras a uma rã que, despreocupada, coxava entre as pedrinhas do lago, lembrei-me dum episódio sucedido comigo, quando eu era ainda menino Anão, — calculem há quantos, quantos anos! — e que julgo terá um certo interesse para ser contado aos meus leitorzinhos.

A uma rã devo eu a vida, esta vida tão preciosa para mim, e para todos os meus amigos que não têm conto, como vocês sabem!

Nesse tempo ainda eu não era um Anão encarado — quere dizer: — não possuía os grandes conhecimentos e a sabedoria que são as compensações da velhice!...

Certo dia deu-me na gana ir pescar a uma repêsa.

Tinha uma ambição, muito feia, reconheço hoje, muito glutona mas muito gostosa!

Apetecia-me comer uma enguia de caldeirada.

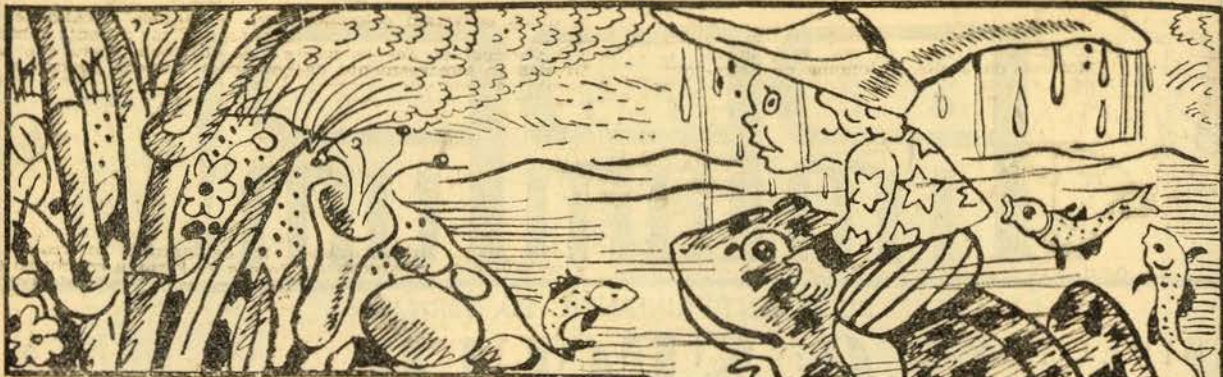
Vejam lá, os meus meninos, que feio apetite! Imaginem que também ela tinha o mesmo!... Comer-me a mim, como certo Gigi do meu conhecimento!

Mas não falemos em cousas tristes e vamos ao caso...

Contava eu, apenas, com a enormidade dêste meu desejo, não pensando na pequenez dêste meu tamanho e eis-me sentado, numa pedrinha, esperando, impaciente, o aparecimento da apetitosa enguia.

Mal avistei uma, — e era bem grossa, por sinal!





— com muito esforço, consegui agarrá-la! Mas o demónio escapulia-se-me constantemente! Ora puxava ela, e com que força! — Ora puxava eu, e, nesta contradansa, não levei a melhor!

A enguia era forte, eu fraquinho e, num dos tais puxões, ferrou comigo no charcho.

Dentro da represa, ainda lutei, desesperadamente! Mas a água fez muitas bolinhas, por fim, eu fui por ali abaixo e só ficou, ao de cima, a pontinha do meu carapuço!... Essa mesma desapareceu na voragem! As últimas bolhinhas de água desvaneceram-se... Estava pronto...

Não me restava mais nada, senão morrer afogado!



A cavalo na rãzinha, — que logo tratou de nadar, para a borda da represa — vi-me salvo!

Mas não me livreí do vexame de a ouvir pregar-me um sabonete e tinha muita razão a rãzinha, quando me disse:

— Tu sabes astronomia a tua sabedoria ninguém a pode igualar, mas essa senhora enguia que nenhum mal te fazia, e que a vida defendia, ia causar-te a arrelia, de te fazer afogar! Este caso é p'ra pensar!... Não serve muito educar, quando é pouco o imaginar! Aquele que vem pescar, se não souber bem nadar onde é que êle vai parar? Morre afogado algum dia! —

Calculem como eu fiquei corado de vergonha! Então, muito humilde, pedi à rã, minha salvadora, se ela me fazia o favor de me ensinar a nadar.

A rãzinha acedeu ao meu pedido, com tôda a bõa vontade,

— E eu com as lições da tal rã, nado melhor que o Tarzan! —



Pois, para vergonha minha, confesso aqui que não sabia ainda nadar!

Mas, por felicidade, caí em cima duma rã que me aguentou nos costados, com tôda a valentia!

Está á venda o livro

## AS 4 IDADES

AUGUSTO DE SANTA-RITA e que a Editorial-Seculo pôs á venda

PEDIDOS A' ADMINISTRAÇÃO D'«O SÉCULO»

PREÇO ESCUDOS 2\$50

F I M

# A RÔLA LUDIBRIADA

Por FELIX COSTA VENTURA

A rôla combinara com o côrvo irem os dois à feira, pois haviam-se tornado sócios em vários negócios que tinham já feito. Mas como o rôla era muito fina, foi primeiro saber se o côrvo era de fiar, pois aquele negócio em que entravam agora, era do mais importância. A vizinha Toutinegra avisou-a logo:

—«Ai minha amiga não se fie muito nele pois também já me conseguiu lograr. Mais, quere ouvir como:

Quando meu marido era ainda vivo, veio êle, um dia, dizer-lhe para irem comprar vários objectos e que depois o ganho seria dividido pelos dois, mas que antes teria de entrar com uma certa importância. Eu bem avisei meu marido de que era preciso cautela, mas êle não fez caso. E sabe o que lhe aconteceu? Ficou sem dinheiro e sem nada.

E ainda, por cima, o patife do côrvo nos foi desacreditar, contando calúnias aos vizinhos. Por isso acautele-se com êle. Quem a avisa, bem lhe quere». A rôla despediu-se da Toutinegra e seguiu, bastante apreensiva, para casa mas como não queria voltar com a palavra atrás, pois já tinha combinado tudo, sempre se resolveu a ir.

Rompia a madrugada. As aves acordavam nos ninhos... Ouviam-se os primeiros cantos matinaes, quando o côrvo bateu à porta da rôla.

—«Quem é?» perguntaram de dentro.

—«Sou eu, minha amiga» — respondeu o côrvo.

—«Entre — (disse a rôla, mandando entrar o côrvo para a sala de visitas)



—«Eu saio. E' um instante. Vou ali dentro. O meu amigo fica aqui, enquanto eu vou pôr tudo em ordem para abalarmos».

E a rôla saiu, deixando o côrvo admirando as lindas telas que povoavam as paredes.

Passados momentos, voltou a rôla, toda ataviada para sair. Chegaram à feira, que já oferecia um espectáculo de grande movimento.

O côrvo comprou vários objectos em ouro, com a aprovação da rôla. Depois de várias voltas, resolveram abalar. Quando chegaram ao lugar da horta, onde habitavam, era já quasi noitinha.

O côrvo despediu-se da rôla com muitos cumprimentos e mesuras. No dia seguinte, tornou a casa da rôla que o recebeu com muitas gentilezas. O côrvo, então, começou expondo o motivo da sua visita: — «Que uma pessoa,

logo de manhã, lhe tinha ido comprar um anel que êle imediatamente vendera, recebendo sete vintens pelo objecto, e que ali vinha dividir o ganho ao meio, conforme fôra combinado».

Quando estavam nesta conversa, entrou o Dr. Pintassilgo que disse:

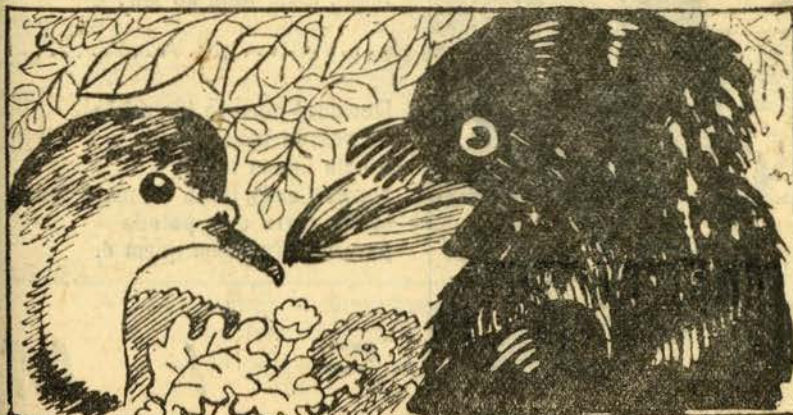
—«O côrvo mente! Vendeu o anel mas foi por oito vintens. Ouvi isto, casualmente, quando ia a passar à porta do côrvo que estava discutindo o preço com o seu cliente. A rôla, toda indignada, começou a gritar:

—«Põe-te na rua! Dá-me o vintem? Põe-te na rua! Dá-me o vintem!...»

— Não há, não há, não há!...

E ainda hoje, quando a rôla encontra o côrvo, logo se põe a dizer: — Põe-te na rua, dá-me o vintém! E o côrvo repete — Não há, não há, não há!...

Queridos leitorzinhos olhai êste exemplo: — Não vos fieis em intrujões. Quantas vezes, com a mira de bons ganhos, nos metemos em certos negócios e somos ludibriados. Por isso acautelai-vos. Amigos, amigos, negócios à parte.



F

I

M

# O BURRO E A GALINHA

Por LAURA CHAVES  
Desenhos de A. CASTAÑÉ

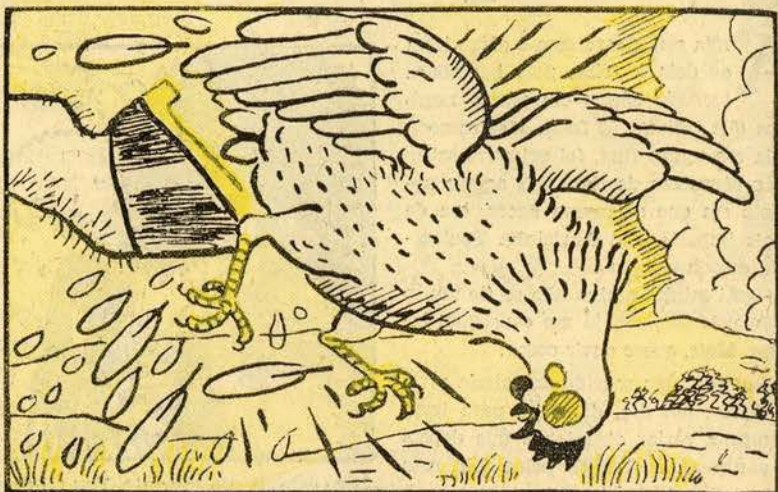
**U**MA senhora galinha morava num galinheiro onde havia muita pinta. Chamavam-lhe a Piorrinha e era amiga dum sendeiro que vivia lá na quinta.

Sua mãe, a Còcaruca, via mal essa amizade dizendo ao pai: — Ora esta! Nossa filha está maluca! Tem tanta civilidade e dá-se com essa bêsta!

Não é por ser sua mãe, mas eu nunca vi galinha de crista com tanta graça. Tais relações não estão bem porque descende a pintinha duma galinha de raça!

Nem se fala em seu avô, Dom Galito Galaroz, que era rei e não vassalo! Tôda a pinta que escutou o clarim da sua voz, não mais pôde ouvir um galo.

E anda a doida noite e dia — que vexame e que quizília! — só por ter feitio casmurro, a servir de companhia, envergonhando a família, ao brutamontes do burro!



Por mais discursos que eu faça teima, teima, teima, teima, sendo ao jerico fiel. Vai suceder-lhe desgraça por ela ter a toleima de arranchar sempre com êle!

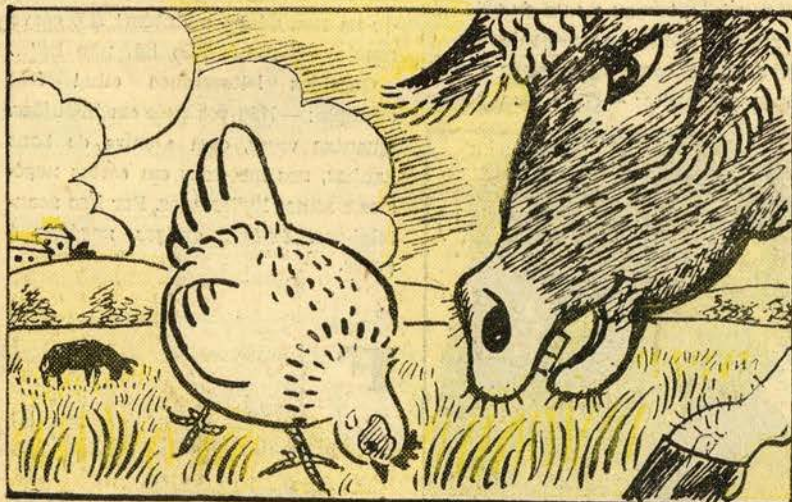
Quando o jumento, à noitinha, vinha de pastar no prado, para a sua estrebaria, triunfante, a Piorrinha suguia mesmo a seu lado saltitante de alegria.

Quanta vez, o Perú velho, resmungava vendo tal, bufando-lhe resolutu: — Se não segues meu conselho, inda te acontece mal porque um asno é sempre bruto.

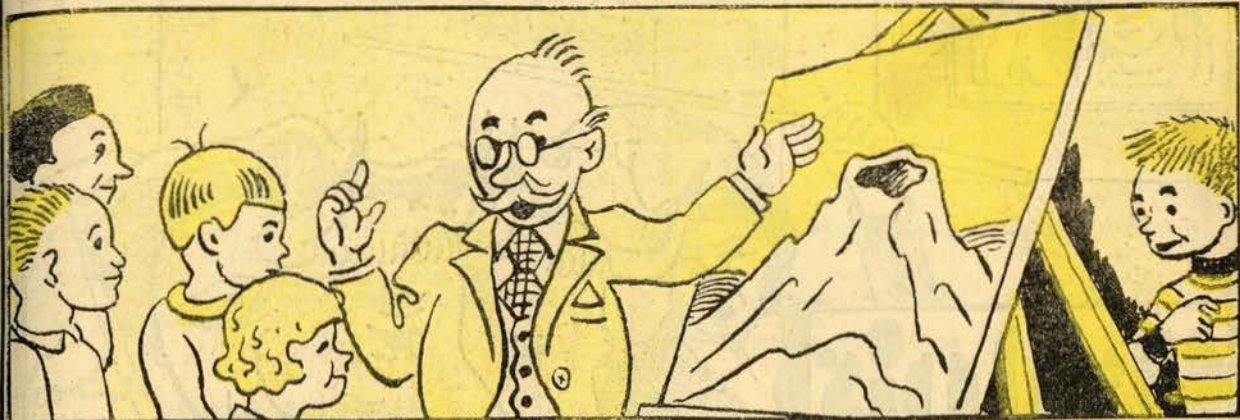
Se as galinhas podem rir-se, a Piorrinha sorria sem ver bem todo o perigo. Tratava de escapular-se e era ver como corria em busca do seu amigo,

Uma vez — pelo diabo — junto dele foi postar-se. O burro um coice lhe deu que lhe arrancou logo o rabo e a galinha, a depenar-se, fugiu, tôda, tôda ao léu!

Devemos sempre ter mêdo de pessoa malcriada e nela nunca ter fé, porque, mais tarde ou mais cedo, lá nos ferra uma patada para mostrar bem quem é.

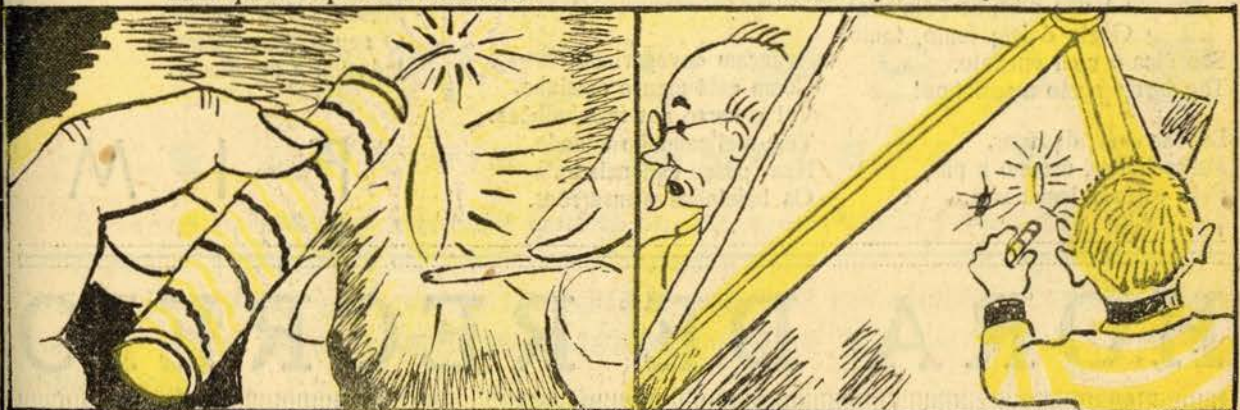


# A DEMONSTRAÇÃO DO VEZÚVIO



I — Um professor, à lição, aos seus alunos explica em que consiste um vulcão; e a todos exemplifica, fazendo a demonstração num quadro que em frente fica.

II — Nisto, o Chiquinho Vilar, que é levado do demónio, vai, às ocultas, buscar a bicha de rabiar, que, em dia de Santo António, fôra à lojaça comprar.



III — Prestando muita atenção, os condiscip'los do Chico, ouvem o Mestre: — «Eu explico em que consiste um vulcão!»

IV — E o Chico resolve, então, exemplificar melhor do que o próprio professor, em que consiste um vulcão.



V — Escondido, o nosso herói, na bocarra do vulcão, faz um pequeno rasgão onde a bicha acêsa põe.

VI — Calculem, agora, o pânico do professor em questão, em face da erupção do cataclismo vulcânico!



**Os Bois**

Por MILAU

Desenhos de CASTANÊ

**V**enta e chove; pela estrada,  
Toda suja, enlameada,  
Lá vão eles, os boizinhos.  
Gosto déles; tanto, tanto!

São eles o meu encanto,  
Tão fortes e tão mansinhos!

Lá vão eles, devagar,  
Muito juntos, mesmo a par,  
Pela estrada lamacenta.

Enquanto vão caminhando,  
Fico aos vidros espreitando,  
Encolhida, friorenta.

Avançam devagarinho.  
Como está mau o caminho,  
Vai o carro aos trambulhões.  
Têm mei'caminho andado,  
Num passo cadenciado,  
Os boizinhos mansarrões.

Os bois são quási bonitos.  
Dão-nos tudo, coitados,  
E quanto os fazem sofrer!  
Mesmo sôb o agulhão,  
O seu olhar mansarrão  
Inda vai a agradecer.

F I M

# HORA DE RECREIO

## CONCURSOS CHARADÍSTICOS

**C**ONFORME temos anunciado, inicia-se hoje, nestas colunas, uma série de concursos charadísticos, de fácil assimilação para os nossos pequenos futuros colaboradores, aos quais procuramos dar o timbre recreativo e infantil, próprio d'êste suplemento.

Estes concursos destinam-se a aguçar o espirito dos seus concorrentes, facultando-lhes charadas e problemas de fácil interpretação, acostumando o cérebro das crianças a um estudo de deducção, o que motiva um desenvolvimento, sempre crescente, de idéas, que, no futuro, será de uma grande utilidade para elas.

A seguir publicamos as condições a que devem estar sujeitos todos os concorrentes, condições estas que devem ser rigorosamente cumpridas, para melhor orientação d'êstes concursos:

I

### Produções

1.º — Publicaremos tôda a espécie de trabalhos charadísticos, maçadas, adivinhas e problemas que nos venham, assim como quaisquer outros que a imaginação dos nossos concorrentes consiga engendrar.

2.º — As produções devem vir separadas uma das

outras, isto é: cada uma em seu papel, assinadas com o nome ou pseudónimo do seu autor e trazer indicação de data e dicionários (caso se trate de trabalho charadístico) donde sejam extraídas as suas parciais ou conceitos.

3.º — Para a composição d'êstes últimos, deve-se usar sômente os dicionários do Povo ou Roquete (2 vol.), devendo evitar-se sempre outros para se não tornar dificultosa a busca das suas decifrações, pois que, para isso, haverá uma secção à-parte, destinada aos fortes, que se publicará quinzenalmente. (Vidé cap. V).

4.º — Não se publicam trabalhos que, pela sua extensão, impeçam a publicação de outros, de modo a não prejudicar os demais concorrentes.

II

### Decifrações

5.º — As listas de decifrações devem vir acompanhadas do nome ou pseudónimo do seu remetente, não esquecendo a data referente ao seu envio.

6.º — Cada decifrador deve indicar na sua lista o trabalho que mais lhe agrada, concedendo-lhe um voto.

7.º — O prazo para a sua entrega é de 15 dias, a partir da data da publicação de cada número.

III

**Prêmios de consolação**

Haverá em cada número, *Quadros de Distinção* para o autor do trabalho mais votado e para o que se lhe seguir em votação; *Quadros de Honra* para a decifração de maior número de pontos, e *Quadro de Mérito* para os decifradores de 50% ou mais.

IV

**Resultados**

Finda a publicação de 12 números, consecutivos, de que se compõe cada concurso, proceder-se-á aos resultados finais, donde se apurará um *Campião de Produtores*, um *Campião de Decifradores* e dois *Sub-Camhões* referentes, respectivamente, aos dois primeiros.

Estes títulos são conferidos, como se compreende, aos melhores classificados.

V

**«Coluna dos Fortes»**

De dois em dois números, publicar-se-á uma coluna dedicada aos *Camhões* e que terá por denominação o título que encima este capítulo.

Nessa secção quinzenal serão publicados os trabalhos de mais difícil composição e que ofereçam maiores dificuldades para serem decifrados.

Todas as regras necessárias para a sua orientação são as mesmas adoptadas na secção semanal, embora com algumas alterações:

a) As espécies admitidas são somente as seguintes:

**CHARADAS:**

- Em verso;
- Novíssimas;
- Sincopadas;
- Mefistofélicas.

**LOGOGRAFOS,**

**ENIGMAS:**

- Em verso;
- Figurados;
- Piforescos.
- b) O prazo para a recepção das listas de decifração é de 30 dias.
- c) Não haverá sub-camhões.
- d) O Quadro de Distinção é só para o autor do trabalho mais votado.
- e) Cada concurso compõe-se, somente, de 6 números.

VI

**Prêmios**

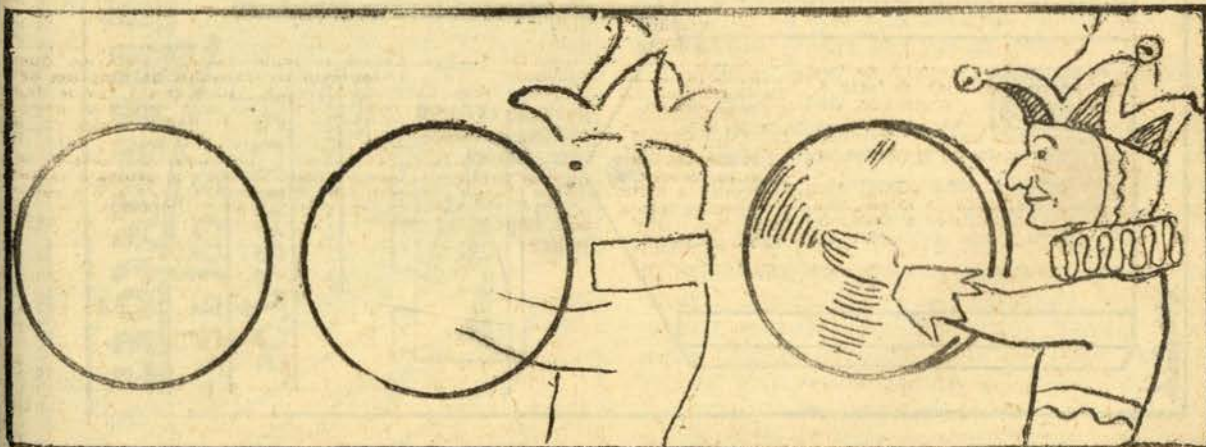
Aos 3 melhores concorrentes, serão entregues, como prémio, lindas colecções de livros infantis, ficando com direito à publicação do retrato, no Quadro de Honra, além dos 3 premiados, todos que merecerem uma boa classificação.

**CONCURSO**

**UMA VILA COMPLETA**

Avisamos os nossos pequeninos leitores de que a construção para armar, que hoje publicamos, é a terceira duma série que constitue o nosso novo concurso intitulado: — *Uma Vila completa*, conforme as condições já expressas nos números anteriores. Não deixem, portanto, de coleccionar estas construções, a-fim de poderem habilitar-se ao referido concurso,

**LIÇÃO DE DESENHO**



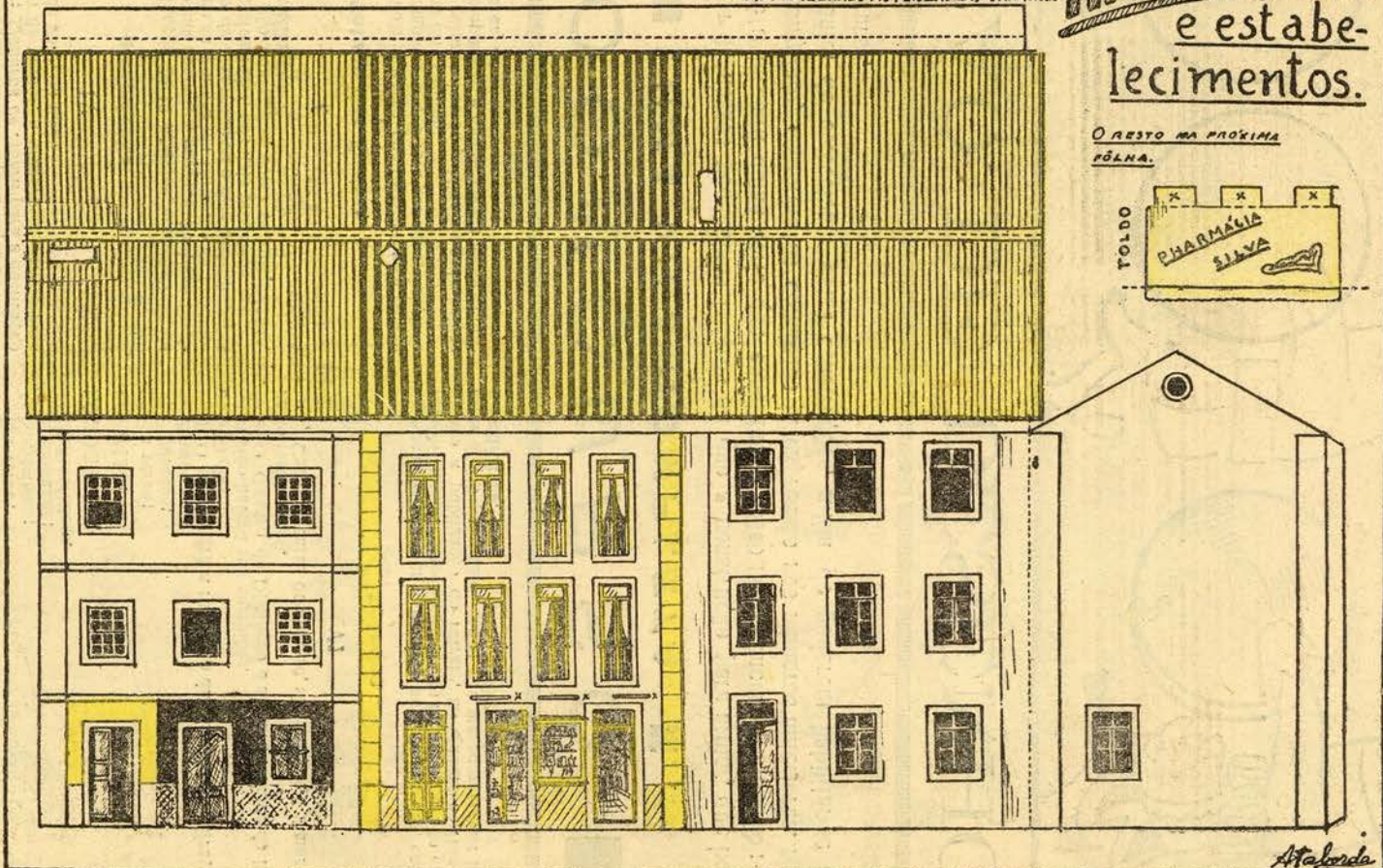
Como se desenha um palhaço a bater pratos

3ª FÔLHA

ABRIR NO TELHADO AS FENDAS DAS CHAMINIS

**HABITAÇÕES**  
e estabelecimentos.

O RESTO NA PRÓXIMA FÔLHA.



ppp  
imlam.um.